

Espiritismo na literatura latino-americana: uma entrevista com Ronald Sanoja

Ronald Sanoja Cáceres

Entrevistadores:

Erick Douglas da Silva (UERJ/CAPES)

Sérgio Luís Silva de Abreu (UERJ/CAPES)

Com muita honra, na entrevista internacional desta Miscelânea, a *Palimpsesto* – revista do corpo discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ – entrevistou o pesquisador venezuelano Ronald Sanoja Cáceres, que estuda as manifestações do espiritismo na literatura da América Latina.

Nesta entrevista, concedida a Erick Douglas da Silva e Sérgio Luís Silva de Abreu, tivemos a oportunidade de conversar sobre a obra de alguns autores a fim de entendermos como o espiritismo influenciou a maneira de fazer literatura, de publicá-la e de olhar a vida. Também não podíamos deixar de perguntar sobre sua experiência de pesquisa no período em que esteve no Brasil e de como essa literatura se apresenta no contexto brasileiro.

Com muito prazer, agradecemos ao Dr. Ronald Sanoja pela disponibilidade e gentileza em nos conceder uma conversa tão rica. Esperamos que, com esta entrevista, os leitores aproveitem e que encontrem uma fonte de riqueza para seus estudos!

PALIMPSESTO

1) Parte de sua pesquisa sobre a Venezuela está inserida no contexto de autoritarismo e vigilância que marcou o país durante a ditadura de Juan Vicente Gómez (1908-1935). Como você interpreta o papel da literatura vinculada ao espiritismo em um cenário de censura política e repressão discursiva? Esses textos permitem a elaboração de críticas sociais e políticas que não podiam ser formuladas de modo explícito nos espaços tradicionais da literatura ou da imprensa?

RONALD SANOJA

Efetivamente, por seu caráter majoritariamente efêmero e por encontrarem-se quase sempre longe do foco principal da opinião pública, os jornais e as revistas esotéricas funcionaram como um meio de reflexão intelectual onde as disputas ideológicas e as reinterpretações históricas da atualidade se entrecruzam com as pretensões místicas inicialmente enunciadas. No caso das publicações espíritas, além disso, os textos supostamente ditados por espíritos — para além da veracidade ou não dos fenômenos psicográficos — constituem também uma espécie de salvaguarda discursiva (uma espécie de “não fui eu quem disse, eu escrevo tal como me ditaram os espíritos”) que oferece uma melhor forma de explorar temas espinhosos (a postura belicista ou pacifista de certos eventos, por exemplo, como a Guerra do Paraguai ou a Guerra Hispano-Americana). A partir dos meios espíritas e teosóficos, autores e *médiuns* distanciam-se ou fingem distanciar-se da matéria tratada, em uma tentativa aparente de fazer uma leitura universalista dos acontecimentos. A transcendência do olhar, no entanto, costuma apontar para uma crítica mais profunda, o que resulta em algo mais transgressor, já que não busca expressar uma opinião espontânea, mas sim um juízo ético e moral.

No caso específico de Juan Vicente Gómez, caudilho que se cercou de uma *intelligentsia* majoritariamente distanciada de assuntos esotéricos, revistas como *Dharma* ou *Ecos del más allá* passaram despercebidas durante vários anos pela censura do poder, imersas, por sua vez, em conteúdos muito variados onde, de tempos em tempos, infiltravam-se textos críticos do presente em meio a textos estrangeiros e traduções de Pitágoras. Creio que uma evidência do que foi dito anteriormente se aprecia, no caso venezuelano, quando prendem Francisco Domínguez Acosta, diretor da *Dharma*. De acordo com os testemunhos de José Rafael Pocatterra ou Rómulo Betancourt, a opinião pública afirmou que quem estava preso não era um conspirador, mas um homem apolítico, apenas um teósofo. Digamos, então, que a proximidade com o esotérico desfocava e transformava em ambígua, até certo ponto, a militância aberta por posturas políticas.

Em nível prático, ademais, resulta interessante a proibição que Gómez faz, durante seu mandato, da celebração de sessões espíritas no país. Pode-se pensar que há nisso uma medida de conservadorismo católico ou de receio religioso. Mas o certo é que há rumores de que Gómez tinha um serviçal com quem fazia consultas à deusa María Lionza, portanto seu problema não parece ter sido com o reino dos espíritos. Na realidade, conta-se que o

presidente desgostava do caráter privado, mas de temperamento participativo, que costuma reger as sessões espíritas. Esta suspeita do “Benemérito” leva-nos a pensar na beligerância ritual do espiritismo e em como resulta incômodo ao poder todo agenciamento de participação coletiva. Faço o comentário para convidar a pensar as influências do espiritismo como uma mediação que transcende o texto e que, em sua dimensão coletiva, pode problematizar as dimensões representativas da obra literária e seus desencontros com os poderes vigentes.

PALIMPSESTO

2) Seu artigo recém-publicado, “Resonancias del espiritismo kardeciano en la literatura venezolana de entre siglos (1857-1927)”, evidencia o papel dos periódicos como fontes para compreender a circulação do espiritismo na Venezuela. Em que medida esses impressos criaram condições para uma liberdade de experimentação estética que talvez não encontrasse espaço no mercado editorial de livros da época?

RONALD SANOJA

Acredito que a escrita jornalística, entendida na virada do século como um gênero menor em relação ao romance ou à poesia, livrou muitos escritores de certa obsessão estetizante e da obrigação de responder, em forma e conteúdo, aos padrões das belas-artes convencionais. A necessidade de responder a tempo às exigências editoriais, além disso, bem como o horizonte de expectativa dos públicos leitores das revistas e jornais, convida os escritores a buscar inspiração no atual, ou contemporâneo, o que inclui uma fixação por fenômenos científicos e sobrenaturais estreitamente vinculados ao espiritismo (eletricidade, fotografias do invisível, hipnose, sonambulismo, fenômenos *poltergeist*, entre outros). Além disso, as revistas e os jornais permitiram um trabalho conjunto entre resenhas críticas, ilustrações e conteúdo que amplifica a proteicidade textual das obras, o que lega para o presente materiais cuja riqueza reside, precisamente, na heterogeneidade de sua composição. É possível, neste sentido, que a dimensão “experimental” e “livre” de certos textos não fosse percebida em seu contexto de produção, mas sim ao observar seu caso em perspectiva. Neste ponto, o papel arqueológico da crítica é crucial, e disso decorre a importância da investigação com fontes primárias, sempre e quando seja possível.

PALIMPSESTO

3) Durante sua passagem pelo Brasil sua pesquisa debruçou-se sobre a figura de Casimiro Cunha. Em outro momento, você também se dedicou à brasileira Zilda Gama. Ao contrastar a produção de Cunha e de Gama com a tradição hispano-americana, você percebe aproximações e distanciamentos significativos? De que modo o contexto acadêmico e cultural brasileiro ampliou ou deslocou sua leitura do arquivo espírita latino-americano, especialmente no que diz respeito às formas de recepção desse fenômeno?

RONALD SANOJA

Talvez o contraste mais evidente entre a tradição hispano-americana e a brasileira seja a aceitação que esta última teve do fenômeno espírita e a rapidez com que se propôs a sua reelaboração a partir do discurso literário. Embora em contextos hispânicos específicos o espiritismo tenha originado discussões intelectuais e inspirado obras poéticas e narrativas (penso especificamente no Chile, Cuba e México), a presença de Kardec parece ter penetrado de forma mais profunda e rápida no Brasil, onde podemos falar, desde a década de 1870, de uma rede jornalística e literária propriamente reconhecida como espírita. A partir de periódicos como o *Reformador*, por sua vez, a produção espírita brasileira contou também com algo que, a meu ver, não existiu nos países vizinhos: um aparato editorial que se encarregasse da resenha e revisão crítica de obras literárias e ensaísticas vinculadas ao espiritismo. Creio que, no caso hispano-americano, contamos mais com casos isolados, ocasionais, e atrevo-me a afirmar que com projetos menos duradouros: talvez tenhamos mais “nomes” do que propostas de caráter coletivo. É muito frequente encontrar na imprensa brasileira, além disso, textos psicografados ou ditados por espíritos, o que não é tão comum nos países de língua espanhola (ainda que, curiosamente, e segundo meus dados, o primeiro livro publicado na América Latina atribuído inteiramente à voz dos espíritos foi *Flores del espiritismo*, da cubana Josefa Díaz). Da mesma forma, especialmente nas publicações relacionadas ao ocultismo mais profano (o de autores como Éliphas Lévi, por exemplo), rastreia-se no Brasil certa visão menos preconceituosa do que na imprensa hispânica. Inclusive existiram grupos, como o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento de São Paulo (ainda existente), de onde emanou uma literatura vinculada não apenas à mediunidade e

ao ocultismo clássico, mas à magia prática e à antroposofia. Essa relutância se explica por um certo excesso de catolicismo, de um lado, ou pela debilidade no aparato comunicacional da Igreja, de outro? É difícil assegurá-lo. Talvez tenha ajudado no Brasil a estabilidade tênue de um século XIX que raramente teve momentos de paz na América Hispânica. Seja como for, no âmbito da minha tese de doutorado e, posteriormente, na pesquisa que fiz sobre Casimiro Cunha, o trabalho com textos brasileiros ofereceu-me um vasto *corpus* de trabalho e remeteu-me, de um modo mais frontal que as do mundo hispânico, a inúmeras revistas esotéricas de países vizinhos (sobretudo do Cone Sul).

PALIMPSESTO

4) Ao observar a presença feminina na teosofia e no espiritismo, é possível pensar esses movimentos como zonas alternativas de produção de saber, em contraste com as instituições religiosas e acadêmicas tradicionais? Como você percebe que essa condição impactou a atuação intelectual e literária das mulheres nesses contextos?

RONALD SANOJA

Em meio ao caráter absolutista que parece ter delineado os embates ideológicos do século XIX (pensemos nos debates incipientes entre o capitalismo e o socialismo; entre o materialismo e o idealismo; entre o cientificismo e o espiritualismo...), os esoterismos constituíram, efetivamente, uma terceira via a partir da qual se poderia pensar horizontes possíveis para o futuro. Isso trouxe consigo pensamentos alternativos, quase inexistentes até então no discurso político. Consideremos, por exemplo, no ecologismo, proposto como um *ethos* em obras como a de Gabriela Mistral, onde se vislumbra, à maneira dos teósofos, o papel do intelectual como arconte da natureza e como vigilante do uso justo e equilibrado do que é oferecido pela Mãe Terra. O pertencimento ao espiritismo e à teosofia, nesse sentido, redimensionou de uma maneira prática e até material a tendência espiritualista à qual se dedicaram, em sua maioria, as letras femininas de meados do século XIX e início do XX. Certamente, é incorreto afirmar que o esotérico propiciou uma “modernização” do pensamento feminino, pois tanto o ocultismo quanto o espiritismo oitocentista representam, na verdade, a restauração de saberes heterodoxos tão antigos quanto as próprias religiões tradicionais. Mas é inegável que a participação nos debates metafísicos aproximou as mulheres do pensamento ideológico circulante, o

que finalmente lhes deu espaço em meios onde se difundia e compartilhava o que havia de mais novo do pensamento intelectual.

PALIMPSESTO

5) Considerando o espiritismo moderno na Europa e a circulação transnacional de ideias entre países europeus e latino-americanos, como você avalia as convergências e tensões entre espiritismo e teosofia no que diz respeito à atuação intelectual e literária, especialmente no que se refere à construção de autoridade espiritual e autoria feminina?

RONALD SANOJA

Embora cada caso deva ser visto em suas respectivas particularidades, poderia-se dizer que as mediações do espiritismo e da teosofia sustentaram o carisma e a projeção universal da palavra feminina exercida em contextos masculinos ou, como de fato ocorreu, em um mercado literário majoritariamente regido por homens. Dentro das formas práticas do esoterismo, de resto, a teosofia e o espiritismo ampliaram o caráter restritivo da maçonaria e do hermetismo, o que contribuiu para a sociabilização das mulheres em grupos tradicionalmente restritos nos quais costumavam infiltrar-se, em primeira mão, as discussões intelectuais do momento. Da mesma forma, o exemplo de teósofas como Annie Besant e Madame Blavatsky consolidou a figura de líderes femininas como opções alternativas para emendar o decurso da história. Não que não houvesse mulheres de importância antes das mencionadas, mas com as chefes da Sociedade Teosófica poderia-se pensar que o feminino adquiriu, para muitos intelectuais, um caráter messiânico cuja força cosmogônica pressagia novas opções para o futuro. A esse respeito, penso na obra da chilena Gabriela Mistral. Poeta e educadora, Mistral transfigura, através de referentes teosóficos, os sujeitos poéticos femininos em imagens do divino para sugerir a potência atuante e regenerativa da espiritualidade das mulheres. Como se observa em *Desolación* (1922) e *Ternura* (1924), a mulher resulta em uma força sinérgica, capaz de mudar o curso do que está estabelecido e capaz de renegociar com o Divino um *ethos* alternativo para o século XX (como diz em seu poema “Palabras serenas”, mudar “por el verso sonriente / aquel listado de sangre con hiel”). Certamente, não deixa de haver nesta postura certa “benevolência” ontologizante em relação à figura da mulher, mas em um contexto majoritariamente assolado pela Doutrina Monroe e pelo

extrativismo capitalista, a postura utópico-idealista de uma Gabriela Mistral (e como ela, muitas outras) aparece como um projeto alternativo que aposta na pluralidade e na inovação antes que na perpetuidade da estrutura histórica. Erradas ou não, há nesse tipo de obras uma pulsão revolucionária que acredita transcender a ideologia e as limitações do sexo, o que inerentemente contribui para a horizontalidade das relações entre homens e mulheres.

PALIMPSESTO

6) Como você compreende o espiritismo enquanto fenômeno cultural moderno, e de que maneira ele se articula com os debates intelectuais, científicos e literários de seu tempo?

RONALD SANOJA

Custa-me um pouco responder a esta pergunta por uma fragilidade geral que todas as minhas investigações tiveram até o momento. Limitadas no tempo até o ano de 1925, dei as costas conscientemente a mutações do espiritismo que devem ser consideradas para pensar as projeções atuais do fenômeno. Tentarei responder, no entanto, sem fazer paralelismos abruptos e mantendo-me no contexto hispânico. Convenhamos que, após a pandemia, houve nas sociedades latino-americanas uma reivindicação generalizada de todo tipo de religiosidades anti-institucionais. Quer se aposte nos misticismos esotéricos ou em figurações locais do cristianismo evangélico, creio que houve, desde o ano de 2020, um avivamento de manifestações religiosas cujo campo de sincretismo e difusão têm sido, até o presente, as redes sociais. Não sei se o espiritismo recuperou parte do prestígio com o qual contou entre meados do século XIX e início do XX, mas o certo é que despertou a curiosidade de muitos consumidores digitais, como bem se evidencia nas inúmeras séries e filmes sobre o tema que ocuparam a cena midiática nos últimos anos. Creio que o imaginário etéreo-onírico-metafísico de obras como as de Kardec e Flammarion dialoga bem com as fantasias da física quântica contemporânea, e que noções como a reencarnação, a transmigração das almas ou a mediunidade podem constituir-se como a contraparte mística de questões como os multiversos ou as viagens pelo espaço-tempo. E os próprios espíritas têm tentado adaptar o sentido do seu credo não aos novos tempos, mas às novas tecnologias: lembro-me de como, em 2021, alguém perguntava a Jon Aizpurua se era possível fazer “passes magnéticos” pelo *Zoom*, ao que o conferencista

respondia que sim, que isso inclusive facilitava sua difusão. Agora bem, um pouco na linha de pesquisadores como José Ricardo Chaves, creio que para o debate ideológico que sobrevive na atualidade – e especialmente no que diz respeito ao meio ambiente, à inclusão de minorias ou ao decolonialismo –, os aportes de outras vertentes exotéricas, como a teosofia, resultam mais pertinentes. Talvez fosse necessário repensar o espiritismo, hoje, a partir de outro olhar que também esteve ausente em minhas investigações: a transição do espiritismo kardecista para a santeria e a umbanda, cuja contribuição principal foi a pluralização das religiosidades afrodescendentes e a participação ativa de comunidades negras na obtenção de espaços dentro do monopólio da fé. Creio que este último ponto, no presente, é mais pertinente no Brasil e no Caribe do que propriamente o espiritismo kardecista “de mesa”, “branco”, como é chamado; mas não o trabalhei o suficiente para me atrever a dar uma resposta sobre isso.

REFERÊNCIAS

CÁCERES, Ronald Sanoja. Resonancias del espiritismo kardeciano en la literatura venezolana de entre siglos (1857-1927). *Perífrasis*. Revista de literatura, teoría y crítica, Bogotá, v. 17, n. 37, p. 11-32, 2026.

Ronald Sanoja Cáceres: doutor em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Chile (2025), *Magíster Scientiarum* em Estudos Literários (2017) e Graduado em Letras (2013) pela Universidade Central da Venezuela. Bolsista do programa CAPES, sob a supervisão da UERJ (Brasil, 2025). Publicou diversos artigos sobre literatura e cultura da virada dos séculos XIX e XX, focados no vínculo da poesia latino-americana com a eclosão de certos discursos na modernidade (esporte, esoterismo, cinema, entre outros). E-mail: ronald.sanoja@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8135-5262>.

Erick Douglas da Silva: mestrando em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - CAPES. Licenciando em Letras Português / Literatura pela UERJ. Bacharel em Letras - Português / Literatura pela UERJ. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Veiga de Almeida. Integrante do grupo de pesquisa “Escritoras portuguesas e a primeira vaga feminista estratégias de profissionalização”. E-mail: erickdouglas.ns@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1254-8152>.

Sérgio Luís Silva de Abreu: professor de Língua Portuguesa e Literatura no ensino básico; doutorando em Literatura PortuguesaLicencia pela UERJ; mestre em Literatura Portuguesa pela UERJ, com dissertação sobre a obra de Adelina Lopes Vieira; possui Licenciatura em Letras Português-Literaturas pela UFRRJ (2017). Desde a graduação, se interessa na pesquisa de autoras no Oitocentos. Como Pesquisador Junior participou do projeto O Real em Revista do Real Gabinete Português de Leitura patrocinado pela Petrobrás-Cultural, onde desenvolveu pesquisa sobre Paulina Campelo e sua publicação no periódico União Portuguesa. Durante a graduação foi bolsista do Programa de Iniciação a Docência (PIBID) que desenvolve oficinas em escolas públicas de ensinos fundamental e médio; foi bolsista de Iniciação científica (PROIC) sobre a autora e educadora Maria José da Silva Canuto; fez parte do grupo de pesquisas "Literatos Portugueses na Imprensa Luso-Brasileira Oitocentista" (RGPL); atualmente, integra o projeto de pesquisa "Escritoras portuguesas na imprensa periódica do Brasil: laços transatlânticos feministas (1890-1930)". Os interesses em pesquisa são: literatura portuguesa oitocentista; autoria feminina (século XIX); periódicos literários luso-brasileiros. E-mail: abreusergi@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9815-8513>.